

HUM@NÆ

Questões controversas do mundo contemporâneo

v. 16, n. 1

DA SATISFAÇÃO DOS PRAZERES ATÉ A ANGÚSTIA DE EXISTIR: um estudo sobre os caminhos da felicidade entre Epicuro e Heidegger

Tayane Leopoldino SABÁDO¹

Mailson Nogueira ALVES²

Marcio Bruno Barra VALENTE³

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo analisar a relação entre prazer e angústia na compreensão da felicidade. Apresentando contribuições científicas acerca da teoria do prazer de Epicuro de Samos, e as contribuições do conceito de *Dasein* de Martin Heidegger. O estudo visa contribuir para uma melhor contribuição do ideal de felicidade, levando em conta aspectos postulados no início da filosofia e as perspectivas existencialistas que influenciam a atualidade. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica de documentos relacionados com a temática buscando leituras que discorrem sobre a felicidade na perspectiva de Epicuro e Heidegger, e suas influências na pós-modernidade dentro do que se considera nos parâmetros atuais o “ser feliz”.

Palavra-Chave: Caminhos da felicidade; Angústia; Prazer

Abstract

The present work aims to analyze the relationship between pleasure and anguish in the understanding of happiness. This study presents scientific contributions about the pleasure theory of Epicurus of Samos, and the contributions of Martin Heidegger's concept of *Dasein*. The study aims to contribute to a better addition of the ideal of happiness, taking into account aspects postulated at the beginning of philosophy and the existentialist perspectives that influence present times. A bibliographic research of documents related to the theme was executed, seeking readings that discuss happiness in the perspective of Epicurus and Heidegger, and their influences on postmodernity, within of what is considered in the current boundaries of "being happy".

1 Universidade da Amazônia. Email: tayanesabado@gmail.com

2 Email: mailsonogueira16@gmail.com

3 Email: barra_valente@yahoo.com.br

Keywords: Pathways of Happiness; Anguish; Pleasure

Introdução

A partir do momento em que a medicina deixa de fundar seu diagnóstico na observação de sintomas espontâneos para apoiá-los no exame de signos provocados, as relações respectivas do doente e do médico com a natureza se transformaram. O doente ao não poder modificar ele mesmo os signos dos sintomas se inclinam a considerar natural qualquer comportamento adotado exclusivamente em função dos sintomas (CANGUILHEM, p.29, 2004).

Fernando González Rey (2011), psicólogo cubano e criador da Psicologia cultural-histórica, argumenta que a subjetividade e temas a ela associados como felicidade, paixão, medo, amor, sentido da vida e da morte, por exemplo, foram tornados periféricos, secundários ou mesmo completamente ignorados nas instituições destinadas aos cuidados da saúde na sociedade moderna.

O autor afirma que isso coincide com a ascensão do discurso biomédico já no século XIX, na Europa, o qual foi, ao longo do século XX exportado para outras regiões do planeta através de diferentes projetos imperialistas. Havendo assim, não apenas o afastamento do princípio hipocrático da importância da natureza humana para a cura da doença, presente na tradição europeia, mas o ofuscamento de diferentes crenças sem torno da capacidade autorreguladores do organismo humano como recurso para o processo de cura.

Ademais, Rey (2011) ressalta que o domínio da ciência instrumentalista e objetiva, é centrada no saber do especialista cujo trabalho é decifrar nos exames (de sangue, urina, fezes, colesterol etc.) os signos provocados. É a partir disso que o tratamento do doente é definido.

Essa postura possibilitou que a relação entre paciente e médico se tornasse mais objetiva e operacional, havendo pouco ou nenhum espaço para um acolhimento intersubjetivo. Ocasionalmente assim, ainda mais a exclusão de fatores subjetivos da doença e dos processos protetores do paciente diante da doença. Por isso, conforme o autor, a pessoa passou a ser reduzida a uma condição orgânica e individual, desconsiderando a importância de conhecer seu modo de vida, percepções e sentimentos.

O avanço do Projeto do Compromisso Social da Psicologia é uma tarefa tanto desejável quanto possível. Ele se inicia com a crítica a tradição estreita desta ciência e profissão, a qual ainda permanece associada as elites, sejam elas econômicas, intelectuais ou insistindo no ocultamento da capacidade humana de enfrentar seus adoecimentos e suas subalternidades.

Neste sentido, a tarefa do presente ensaio busca a reflexão acerca dos caminhos da felicidade a partir de autores como Epicuro e Martin Heidegger. Colocando em pauta temáticas sobre o prazer, a satisfação, felicidade, sentido, enfim, fenômenos que precisam se tornar parte da formação dos profissionais de saúde, em especial, da Psicologia.

Neste sentido, é importante repensar a reinserção da subjetividade enquanto vivência da experiência de estar no mundo com os outros, sendo afetado e afetando, a fim de que se possa desocutar a crença na capacidade de autorregulação do ser humano para o enfrentamento de adoecimentos e angústias, para que se pense em processos de cura para além do modelo biomédico.

1– Da satisfação dos prazeres humano: o papel do prazer segundo Epicuro

No que diz respeito aos estudos sobre felicidade é impossível pensar, sem considerar as contribuições de Epicuro de Samos, ateniense que viveu no século IV a.c.

Epicuro foi vítima de uma injustiça da posteridade. Ele tinha uma vida de extrema frugalidade. Comia queijo, pão, tomava água. Basicamente, esta era sua dieta. E, no entanto, seu nome ficou associado ao hedonismo, à gula, a excessos de variada natureza. Nada mais contrário do que à vida que Epicuro levava e pregava aos discípulos. (NOGUEIRA. Paulo, 2013)

Hoje, como bem aponta Cordeiro (2017), a filosofia Epicurista tem sido interpretada de forma distorcida. De modo que veio a se tornar um sinônimo de hedonismo, como pode ser observado no *Dicionário das ideias feitas* de Flaubert, em que o autor emprega a “Epicuro” o verbete: “Desprezá-lo” (FLAUBERT, 2017). Partindo disso pode-se considerá-lo o mais polêmico entre os filósofos gregos e, a respeito do estudo no campo dos prazeres, priorizou desenvolver uma filosofia que se encaixasse com o modelo social imposto na época, de forma que a felicidade fosse menos dependente das relações sociais.

O fato de ser considerado hedônico ocorreu devido ao seu modo de pensar, dando uma grande importância ao prazer, diferentemente de seus antecessores que priorizavam uma felicidade que se distanciava ou equilibrava com os prazeres que deviam ser satisfeitos. No fim da sua vida, escreveu uma carta para o seu discípulo Meneceu, falando sobre a felicidade, dialogando sobre a relação inseparável do prazer com a busca da felicidade, e afirmando veemente que “o prazer é o início e o fim de uma vida feliz” (EPICURO, p.2, 2014.) que pode ser alcançada pela tranquilidade ou imperturbabilidade chamada de *ataraxia*.

No entanto o caminho para se chegar a essa felicidade deve valorizar a inteligência, visando resolver os conflitos entre a razão e a paixão, posto isso, o homem passa a comportasse eticamente na medida em que se define, e de como reprime ou não seus desejos e necessidades considerados naturais, entretanto, é necessário dar voz a eles de forma equilibrada ou moderada, e isso assegura o processo de busca da tranquilidade. Levando assim a valorização do prazer como algo natural e inerente, a partir da noção de que a realização dos desejos naturais e espontâneos são coisas positivas.

O que acaba por dar início à imagem distorcida de que o epicurista é um viciado no prazer, mas na verdade está longe disso, a ética epicurista participa da ideia de moderação, mas não a supressão dos prazeres e desejos que são expressões de nossa natureza.

Dentre os moldes da filosofia epicurista, foi possível avaliar que o prazer é o bem primeiro e inerente ao ser humano, em função dele praticamos toda escolha ou recusa, e a ele escolhemos todo bem distinguindo entre prazer e dor.

De acordo com Croffi (2018), Epicuro partiu do pressuposto de que seria possível ter uma felicidade que pode ser alcançada usufruindo de prazeres moderados e não dependente da sorte ou de influências externas do mundo, pois, esses prazeres resultam em um estado de tranquilidade e gozo.

Apesar de se basear na realização de desejos, o filósofo diz que quando gozamos do prazer, este pode se tornar fonte de perturbações constantes, nos distanciando do encontro a felicidade, que por fim, é a manutenção da saúde do corpo e a serenidade do espírito.

Embora o prazer seja nosso bem primeiro, ainda sim, nem sempre escolhemos qualquer prazer, pois, em determinadas ocasiões evitamos usufruir dos muitos prazeres, isso ocorre quando avalia-se que esses prazeres tem potencial para advir de efeitos que podem ser, na maioria das vezes, desagradáveis.

Claro que, como avaliamos e escolhemos essas situações, pode-se considerar os sofrimentos preferíveis aos prazeres, afinal, estes podem prover um prazer maior depois de suportarmos essas dores por muito tempo.

Portanto, todo prazer constitui um bem por sua própria natureza; não obstante isso, nem todos são escolhidos; do mesmo modo, toda dor é um mal, mas nem todas devem ser evitadas. Convém, portanto, avaliar todos os prazeres e sofrimentos de acordo com o critério dos benefícios e dos danos. Há ocasiões em que utilizamos um bem como se fosse um mal e, ao contrário, um mal como se fosse um bem. (EPICURO. 2014. P,3)

Isto posto, o sujeito deve analisar como e quais prazeres devem ser satisfeitos, afinal, “para que muitos prazeres sejam realizados, depende-se da vontade de outras pessoas ou da combinação de acontecimentos” (SEWAYBRICKER, 2012, p. 47), ou seja, deve se interferir diretamente nas relações, mas de forma que não se torne um escravo delas para usufruir do gozo.

Por mais que a sua ideia não seja dependente das relações sociais, ainda sim assume um lugar de importância para a manutenção e realização dos desejos, que vão ter como consequência a felicidade, afinal: “As pessoas não podem viver de forma agradável se não forem prudentes, gentis com os outros e justas em suas atitudes e pensamentos, o que permite viver de forma pura e prazerosa.” (CROFFI, 2018).

Epicuro, defende a ideia de que não existe uma harmonia por trás do caos do mundo, mas que o mundo acaba por ser o próprio caos desordenado. Para Marconatto (2008), nada vem do nada, todo corpo é formado por átomos de diversos tamanhos que se movimentam no vazio infinito.

Os impactos da colisão desses átomos resultam nas mais diversas combinações aonde o ser vai emergir como efeito da estrutura.

O fluir dos átomos é o que produz as sensações nos homens. O fluir dos átomos é o que cria as imagens que são similares às coisas que os produzem. O fluxo dos átomos de uma árvore é o que cria em nós a imagem da árvore. Nós temos sensações dessas imagens e nossa

percepção de mundo é produzida pela combinação de diversas imagens diferentes. Nossos conceitos são formulados pela repetição dessas sensações e pela recordação de sensações que vivemos no passado. As percepções do futuro também terão por base os conceitos que formulamos no presente. (MARCONATTO. Arildo Luiz, 2008).

Por conta desses declínios imprevisíveis resultantes dos movimentos dos átomos “a existência humana, não é o efeito da vontade, mas sim sua causa” (SEWAYBRICKER, p. 47, 2012).

As escolhas que geram o prazer irão surgir como consequência, obedecendo há um padrão histórico de satisfações e não satisfações das vontades que são moldadas a partir da nossa existência no sujeito, no mundo e da forma com que nos relacionamos com o meio: “e à satisfação dessa vontade, desse movimento natural do homem, se dá o nome de prazer. A vontade faz ir aonde quer que o prazer leve cada um” (COMTE, p. 46, 2006,).

Sendo prazer uma ideia que está em constante mutação, devido a assimilação de novas ideias, a vontade de usufruir desse gozo desconhecido propicia nos movimentarmos em diferentes locais com comportamentos adaptáveis a demanda do sujeito, explicando também o motivo de alguns ciclos de relação se fecharem, para que outros possam ser criados. Mostrando que as necessidades de prazer diferentes, demandam uma nova fonte de investimento.

Essa adaptação pode gerar consequências, por conta ao desajustamento do mundo, esses seres podem vir a se tornarem intimamente ligados ao prazer e assim se inicia uma serie de inversões postas em prática.

Portanto, é preciso definir o que é belo e o que é virtuoso, pois, essa definição também vai ditar a forma de buscar o prazer: “Num mundo sem a ordem divina, a moral e a ética estariam submissas tão somente aos seres humanos, logo, submissas ao prazer. O prazer é a medida para determinar o bem” (EPICURO, 1993, p.65)

O prazer sendo, também, à medida que vai mediar a moral e a ética, precisa ser levado em consideração novamente, afinal, a vontade leva o ser aonde for em busca do prazer que só é possível dentro da relação virtuosa, sem a dependência.

As próprias ideias de ética e moral vão surgir vinculadas a uma delimitação de limites de até onde o prazer vai nos levar sem ultrapassar a linha da dependência. Para Sewaybricker (2012), o prazer como a medida do bem, está vinculado agora a estrutura ética e moral da sociedade, justificando a ideia de que o prazer é a força que movimenta o mundo. Entretanto, não serve como uma justificativa para a satisfação desenfreada dos desejos, afinal, nos mesmos em sociedade acabamos definindo seus limites.

Contudo, é inegável que para Epicuro (2014), o objetivo de se buscar o prazer é o de gozar ao máximo e sofrer o mínimo possível. Para o filósofo, a felicidade é a ausência do sofrimento, e através dessa via se pode alcançar o desejo de viver da melhor forma possível e não de viver mais possível.

Para isso, o homem deve habituar-se a simplicidade da vida, a um modo não luxuoso, podendo ser conveniente para a saúde, pois ainda proporciona ao homem os mecanismos para enfrentamento dos conflitos da vida.

Nos momentos em que conseguimos usufruir de uma existência rica, desenvolvemos nosso ânimo para melhor aproveitá-la, e nos preparar para enfrentar sem temor as vicissitudes da sorte. Partindo desse pressuposto, o uso da razão se torna objeto fundamental para que se possa usufruir da felicidade em prol da satisfação de um prazer, pois, o caminho do prazer pode levar a aqueles que geram boas consequências e aqueles que vão gerar futuros desprazeres.

Marconatto (2008), argumenta que existem duas formas de prazer: a primeira, é o prazer estável que resulta na ausência da dor e da perturbação na alma, nessa forma de usufruir do prazer, o homem não sofre e mantêm-se em paz dentro do campo da racionalidade, podendo assim atingir o estado de felicidade plena, pois, há a ausência de sofrimento e um grande gozo; na segunda forma de prazer, que é a da alegria e a do gozo, o homem pode tornar-se escravo do prazer e levar uma vida perturbada, o que o desvirtua do caminho da felicidade.

Para que se entenda a distinção dessas formas de prazer, Epicuro, classifica em 3 categorias os prazeres. A primeira categoria diz respeito aos prazeres *Naturais e Necessário*, que devem sempre ser satisfeitos, pois, dizem respeito a felicidade, bem-estar e a sobrevivência, porém, é importante que se deseje somente aquilo que

está no alcance do indivíduo e gozar ao máximo do prazer que eles o podem proporcionar; a segunda categoria são os desejos *Naturais e Não Necessários*, esses apesar de não necessários não devem ser anulados, devem ser usufruídos com moderação, dizem respeito aos prazeres sexuais, estéticos e gastronômicos. O importante de fato é o de não se tornar escravo desses desejos, pois, o desequilíbrio desses desejos com a racionalidade está intimamente ligado a fetiches, transtornos de imagem ou alimentares causando o desequilíbrio no ser; e a terceira categoria engloba os prazeres *Não Naturais e Não Necessários*, que devem ser evitados a todo o custo, pois, são decorrentes de sentimentos de ganância, poder, riqueza e glória que levam a impossibilidade de gozar do prazer e ao constante sofrimento.(COMTE, 2006).

Seguindo essa linha, Epicuro (2014), caracterizou o medo da morte e punição divina como causador de ansiedade no homem, e a ansiedade, como início de uma vontade de banhar-se de desejos extremos e irracionais. Para ele, esse medo é fundamental, porque caso fossemos eliminados, resultaria em uma condição e deixaria as pessoas livres para perseguir os prazeres, tanto físicos como mentais, aos quais eles são naturalmente atraídos, e desfrutar da paz de espírito.

É clara a grande função que o prazer possui no caminho da felicidade da filosofia de Epicuro, porém, essa importância só é possível partindo do pressuposto de que para desfrutar do gozo do prazer é necessário desenvolver a racionalidade.

Sewaybricker (2012), reforça essa ideia quando ele afirma que através do uso da razão o indivíduo pode compreender melhor suas virtudes e desenvolvê-las tornando-se assim feliz, pois, sem uma determinada virtudes diante das vontades, o homem não seria capaz de satisfazer tais impulsos suficientemente bem para ser feliz, afinal, é através das virtudes desenvolvidas que o homem toma conhecimento das suas necessidades e cria os mecanismos que vão garantir uma escolha coesa dentre o sofrimento e o prazer, que devem ser explorados na mesma medida em prol da felicidade.

De todas essas coisas, a prudência é o princípio e o supremo bem, razão pela qual ela é mais preciosa do que a própria filosofia; é dela que originaram todas as demais virtudes; é ela que nos ensina que não existe vida feliz sem prudência, beleza e justiça, e que não existe prudência, beleza e justiça sem felicidade. Porque as virtudes estão intimamente ligadas à felicidade, e a felicidade é inseparável delas. (Epicuro, p.3, 2014)

Sendo o homem um ser inclinado a buscar o prazer e a fugir da dor por meio do critério, levando-o a buscar o gozo do prazer e induzindo, por esse critério, tornando possível avaliar os caminhos plausíveis para remediar todas as outras coisas. Marconatto (2008), reitera a concepção de Epicuro sobre a felicidade estar intimamente ligada ao prazer estável sendo este o início e o fim de uma vida feliz.

Uma vez que tenhamos atingido esse estado, toda a tempestade da alma se aplaca, e o ser vivo, não tendo que ir em busca de algo que lhe falta, nem procurar outra coisa a não ser o bem da alma e do corpo, estará satisfeito. De fato, só sentimos necessidade do prazer quando sofremos sua ausência; ao contrário, quando não sofremos, essa necessidade não se faz sentir. (Epicuro, p.2, 2014)

Inevitavelmente há momentos dolorosos inescapáveis durante a vida, contudo Epicuro nos mostra que é necessário focar os pensamentos nos momentos agradáveis já vividos ou mesmo criar expectativas de um futuro prazeroso.

Os caminhos para alcançar o prazer e repressão da dor estão na inteligência, raciocínio, autodomínio e justiça. Para os adeptos da filosofia Epicuristas, não há por que ter medo ou se preocupar com a morte, nunca nos encontramos com a morte, afinal, se ela existe, o ser humano não existe mais.

Entretanto, na pós-modernidade precisamos ter em mente a vida cotidiana e seus infinitos afazeres, sejam eles satisfatórios ou insatisfatórios, porém eles nos ocupam e demandam nossa energia, o que segundo a concepção de Heidegger (1889-1976), o ser define o existir, e por tanto devemos julgar que, muitas vezes, essa existência pode vir a ser inautêntica, ou seja, vivemos nosso dia a dia ao passo de encobrir o nosso ser, a herança da tradição.

Heidegger, no entanto tem como objetivo nos fazer enxergar “como no dia a dia da existência (do homem do século XX) domina amplamente um esquecimento do ser” (WERLE, p.3, 2003).

2- A angústia se angustia: a visão de Heidegger sobre o existir e a busca pela felicidade.

A obra do filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976) é considerada um dos importantes vetores que impulsionam a filosofia do século XX, fazendo uma reflexão sobre a existência humana por meio de uma interrogação sobre o sentido do ser. Parte de uma crítica à orientação metafísica do pensamento ocidental, questionando o próprio modo de ser e de habitar o mundo, enfim, de conduzir a própria vida, com intuito primordial de

compreender o sentido da existência humana. (BRAGA, Tatiana Benevides Magalhães; FARINHA, Marciana Gonçalves, p.65, 2017)

Para compreender o sentido da existência humana, um dos pontos de comoção filosófica que mais causa reflexão, se chama felicidade. Para que comecemos a conceituar felicidade, precisamos ter em mente a vida cotidiana e seus infinitos afazeres sejam eles satisfatórios ou insatisfatórios, mas que nos ocupam e demandam nossa energia.

Levando em consideração a concepção de Heidegger (1889-1976), em que o ser define o existir, devemos julgar que muitas vezes essa existência pode vir a ser inautêntica, ou seja, para Silva (2007) seria viver nosso dia a dia ao passo de encobrir o nosso ser, deixando que o medo nos limite a viver na impropriedade, fazendo com que deixemos de atribuir sentido, deixando que os outros e as circunstâncias o atribuam, e acabamos dentro de um processo de alienação de nós mesmos, vivemos sempre correndo, com nossas agendas cheias de distrações que nos ocupam.

Vivemos num sentido impróprio que não aponta em direção alguma, como uma finalidade sem fim. De acordo Silva (2007), Heidegger não estabelece um juízo de valor que define de fato se seria melhor viver na autenticidade do que na impropriedade, pois, ambas são possibilidades fundamentais de ser na existência.

Em qualquer momento da vida podemos passar de uma a outra e vice-versa em um processo de impermanência e desconstrução. Podendo eleger um dos sentidos já prontos ou construir o seu próprio, afinal, a vida em si não tem sentido, somos nós que atribuímos algum sentido a ela.

Por isso, Heidegger (1989), objetiva nos fazer enxergar “como no dia a dia da existência (do homem do século XX) domina amplamente um esquecimento do ser” (WERLE, p.101, 2003), ou seja, como o cotidiano vem a interferir no que podemos enxergar da vida ao nosso redor e até mesmo o de olhar para si e absorver informações e nosso autoconhecimento, por isso que ele pontua a importância do ser-aí:

O ser-aí, o Dasein, imerso em sua existência, é um ser-no-mundo [In-der-Welt-sein], que se encontra sempre situado num contexto de vivência no mundo, e não está simplesmente lançado num espaço apenas delimitado física ou naturalmente. O conceito de ser-no-mundo é uma estrutura

ontológica fundamental do ser-aí, que indica a inseparabilidade do homem e do mundo e igualmente do mundo em relação ao homem. Estar em um mundo significa habitar o mundo. (HEIDEGGER 1989 *apud*. WERLE, p.101, 2003).

Farinha e Braga (2017), conceituam *Dasein*, palavra de origem alemã usada por Heidegger para conceituar o ser humano, como um ser existente no mundo. Seria o estudo do ser sendo homem, ser humano e humanidade. Seria o ser-aí que questiona sobre o sentido do ser, que busca questionar a existência, e seus entes, que seriam o seu ser-no-mundo como as pessoas do seu universo social.

O *Dasein* não é um ente qualquer, mas o ente para o qual a questão do sentido se apresenta onticamente e que, respondendo à questão do ser em seu cuidado cotidiano, desdobra suas compreensões em interpretações. Além disso, a própria facticidade é de caráter interpretativo, já que dela faz parte um horizonte permeado pelas significações sedimentadas no mundo. (BRAGA, Tatiana; FARINHA, Marciana, p.70, 2017)

Para que haja significação, é necessário que a compreensão passe para o campo da interpretação, que denominamos como linguagem, e para que isso aconteça precisamos existir no mundo para habitar em nós e vice-versa. Farinha e Braga (2017), descrevem esse ser-no-mundo como um processo que se constrói sendo-no-mundo antes de todo e qualquer eu, porém sempre situado e imerso no jogo homem/mundo, e é nessa interação que a realidade com as experiências e significações acontece, é sempre no contexto das coisas que sedimentamos os seus significados, partindo da interação com as experiências moldamos os significados transitórios que permearão a constituição do Ser- aí e conseqüentemente do Ser-no-Mundo.

É a partir da consideração das significações sedimentadas e dos recortes que elas nos colocam que podemos também nos desprender delas para uma interrogação mais radical do sentido do ser. Nessa perspectiva, encontramos uma explicação para que a filosofia heideggeriana seja conhecida como ontologia hermenêutica, já que busca, por meio da compreensão e interpretação da existência alcançar a questão do ser. (BRAGA, Tatiana; FARINHA, Marciana, p.70, 2017)

Como por meio compreensão e a interpretação da existência precisamos alcançar a questão do ser, nada como chegarmos por meio dela através das experiências, vivências, ou seja, o dia a dia. Para Martins (2015), em seu artigo, nos leva a reflexão de que a cotidianidade começa a se tornar problemática quando o viver diário torna-se inautêntico ou impessoal, ou seja, quando a rotina se transforma em algo que se ignora, ou se é opressiva.

Essa narrativa também é levantada por Werle (2003) quando coloca sua perspectiva sobre mundo, de que ele não existe apenas para ser um receptáculo físico no qual vivemos, o ser-aí não está apenas no mundo, mas ele tem e constitui o mundo como uma extensão dele mesmo em seu decorrer para lidar com os instrumentos que estão ao seu em torno.

O mundo para o ser-aí se trata pela forma imediata que este ser lida com ele, para Werle (2003), segundo Heidegger, a vida em sociedade é regida por uma noção obscura de convivência, no qual não se há o sujeito, mas sim o domínio de um império impessoal, em que o eu e o nós não se diferenciam, como se ninguém fosse senhor de sua própria vida, havendo assim uma perda do ser-aí, um espaço que se defini como aberto da opinião pública que determina o que cada um deve fazer.

Somos seres em relação, e a partir do instante em que está relação se torna automatizada e superficial o sentido do existir e do ser se dissolve e se torna impessoal, claro que ninguém escolhe existir, como Martins (2015) aponta, mas existimos e precisamos lidar com essa certeza, afinal essa responsabilidade nos cabe e não temos como nos desvencilhar dela.

A importância fica por conta de que cada ser-aí dá a sua vida, Martins (2015), tem um pensamento bastante relevante que diz que:

Esta postura filosófica, que assegura as nossas escolhas direcionando os caminhos, nos confere autoridade sobre os nossos destinos. Visto desse modo, fatos desagradáveis só trarão desalento e desesperança se quisermos que assim seja. (MARTINS, 2015)

Contudo, o desalento e a desesperança fazem parte da constituição do ser humano, só temos o conhecimento do que está bom e agradável porque passamos pela experiência estressora da angústia, da qual, segundo Werle (2003), seria a essência do ser-humano, pois, dispõe de uma dimensão compreensiva que oferece o solo fenomenológico-hermenêutico para a apreensão explícita da totalidade originária do *Dasein*.

Dentro dessa visão, Heidegger (1986) constantemente nos pontua sobre o conceito de angústia, afinal nossas escolhas sempre ocasionarão em uma consequência e a forma que lidamos com ela, ditará o que faremos a seguir:

A angústia não é então somente um fenômeno psicológico e ôntico, isto é, que se refere somente a um ente ou a algo dado, e sim sua dimensão é ontológica, pois nos remete à totalidade da existência como ser-no-mundo. Tal como em Kierkegaard, a angústia assume em Heidegger um cunho existencial essencialmente humano. Só o homem se angustia, não o animal, bem como apenas o homem existe e tem uma compreensão do ser. (WERLE, p.104, 2003)

Por sermos humanos, a angústia nos é inevitável, ela molda a compreensão do ser, e só ganha forma quando não vemos mais prazer nas pequenas coisas da vida, quando começamos a notar o cotidiano como uma mera repetição automática do dia que se passou, o tédio começa a se tornar o motor que nos motiva a seguir e não conseguimos encontrar nenhum outro ser-aí que possa nos tirar dessa imersão tediosa.

(...) Na angústia, enquanto disposição fundamental, não sabemos diante *de que* nos angustiamos; ela começa a se apresentar quando, em meio a nossas ocupações do dia-a-dia, nos sobrevém um certo tédio. Começamos a ficar fartos dos entes que estão ao nosso redor e não encontramos em nenhum ente um apoio para nos tirar deste tédio. Pelo contrário, acreditamos mesmo que temos de procurar sempre mais o contato com os entes e as coisas do mundo, para assim nos ocupar [*besorgen*], em vez de nos preocupar [*fürsorgen*], e sair desta estranha indiferença na qual nos joga o mundo. Mas, com isso, sempre afundamos mais na angústia. Nos sentimos meio estranhos na angústia(...). (WERLE, p. 106, 2003).

Quando somos questionados sobre as nossas angústias, respondemos de modo automático "não é nada" ou "não é nada, e já vai passar". Tornando um fato o fenômeno de que nos angustiamos, mas não conseguimos identificar o objeto dessa nossa angústia, o que precisamente produz em nós essa angústia.

Esse "não é nada", porém, é fruto de um nada mais simbólico, originário e fundamental que está na origem de nossa angústia. (WERLE, p. 101, 2003), e constantemente mergulhamos mais profundamente na obrigação do sentir alguma coisa, se conectar com o mundo e com os outros entes, e de se ocupar com tudo e se, até mesmo, a própria angústia se angustia, só nos resta acreditar que um ser sem angústias é um ser em completa inexistência e inercia, como o próprio Heidegger (1986) pontua:

O porquê a angústia se angustia não é um modo determinado de ser e uma possibilidade do ser-aí. A ameaça é ela mesma indeterminada, não chegando, portanto, a penetrar como ameaça neste ou naquele poder-ser concreto e de fato. A angústia se angustia pelo próprio ser-no-mundo (...). o mundo não é mais capaz de oferecer alguma coisa nem sequer a co-presença dos outros. A angústia retira, pois, do ser-aí a possibilidade de, na

decadência, compreender a si mesmo a partir do mundo e na interpretação pública (HEIDEGGER, 1986, §40, p.187 *apud*. WERLE, p. 106, 2003).

O projeto de homem na filosofia de Heidegger, se pauta em um projeto inacabado e transcende continuamente sua existência, nada o aprisiona. De acordo com essa tese, se por acaso houvesse um momento no qual fosse possível obter a plena felicidade logo haveria uma insatisfação social.

Por isso o existir é angustiante, o que nos deixa em constante frustração e aflição, mas é através desse sentir agonizante que conseguimos nos transcender, buscar incansavelmente nossa autenticidade e inautenticidade, aprender a se experimentar e a vivenciar o mundo através da sua finitude. Como bem pontuado por Braga e Farinha (2017):

somos incompletos e apenas nos completamos com a morte, já que antes dela estamos na contínua realização de nossas possibilidades de ser e com ela nossas possibilidades se finalizam. A experiência da morte, pessoal, intransferível e única, demarca assim a finitude do ser; ele voltará a ser o que era: nada (Heidegger, 1981 *apud*. BRAGA e FARINHA, p.68, 2017)

Precisamos olhar para a finitude não como um caráter fatídico do morrer como o fim de tudo, mas conceituá-la como uma abertura para a consciência do seu passado, presente e futuro, encontrar seu lugar, sua verdade no tempo e assumir seu posicionamento como ser único.

Segundo Werle (2003), se é tocado em seu ser pelo apelo do Ser, ou seja, acordamos para existência não através dos breves momentos de felicidade ou das alegrias pontuais da vida, mas, pelo olhar da ética Heideggeriana, quando percebemos a finitude humana dos momentos de negatividade.

A partir desse instante, começamos a olhar para o experimentar o viver, ao dar-se conta do finito e passa-se a compreender que a busca perpetua pela felicidade é completamente irracional, esperar ser feliz o tempo todo não é algo possível ou real, é necessário saber o que seria ser triste, nesse caso a angústia, para conhecer a alegria ou deslumbrar a felicidade nos momentos mais simplórios.

Ser feliz não significa ausência de dor, pelo contrário, na vida quem não souber acolher aquilo que não lhe agrada está condenado a um sofrimento infindável. Não é esse o dilema de nossa sociedade? Há um apelo constante para a felicidade como se fosse possível tê-la infinitamente. Todavia, o fundamental é o equilíbrio: nos momentos felizes vivê-los intensamente e nos momentos de tristeza saber que tudo passa; do mesmo

modo que o estado de felicidade vem e vai também ocorrer o mesmo com a tristeza. (SALVADOR. Ângelo).

Considerações

Apesar da angústia que norteia o conceito do ser feliz e que só alcançaríamos a felicidade se utilizarmos dos prazeres moderados para realização dos nossos desejos, ainda sim, somos atravessados pela temática do ser feliz ou felicidade, e foi através das perspectivas evidenciadas aqui que se destaca a ideia clássica de Epicuro, nos definindo como seres guiados pela racionalidade que deve usufruir de um prazer estável, pois, o prazer é o próprio bem e a dor o próprio mal.

Sendo assim, toda a existência se pauta na possibilidade de sentir o prazer, contudo somente nós, seres racionais, temos a capacidade de racionalizar quanto aos seus domínios, portanto, não é possível ser feliz sem ser sábio. Afinal, é através da angústia abordada por Heidegger, que compreendemos como a influência dos prazeres podem nos dominar, e que por meio dos mecanismos que perdemos, conseguimos usufruir do prazer e realizar os nossos desejos.

Entretanto, é de suma importância deixar evidenciado aqui, a necessidade da angústia para que possamos transcender, sem que se fuja da responsabilidade da existência seja sua ou a do outro.

A capacidade máxima das nossas possibilidades de existir se moldada a partir da nossa finitude, afinal como diria Martins (2015): “somos o que fizemos de nós e seremos o que fizermos de nós e no final o que vai importar é somente a resposta que vamos dar a vida.”

Referências

BRAGA, Tatiana Benevides Magalhães; FARINHA, Marciana Gonçalves. Heidegger: em busca de sentido para a existência humana. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 23, n. 1, p. 65-73, abr. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672017000100008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 nov. 2020.

CORDEIRO, Lucas de Oliveira. Felicidade e Prazer em Epicuro: Uma Análise Lógica. **Revista lampejo**. Ceará, v. 6, n. 2, p. 240-245, jan. 2018.

CROFFI, Flávio, **Epicuro e sua visão sobre a felicidade plena**. Geekness, 2018. Disponível em <<https://geekness.com.br/epicuro-e-sua-visao-sobre-a-felicidade-plena/>>. Acesso em 14 março 2020.

DA SILVA, Josué Cândido. **Filosofia da existência - Heidegger, medo e angústia.**, 2007. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/filosofia-da-existencia-heidegger-medo-e-angustia.htm> . Acesso 2 JAN 2020.

"**Epicuro (341 - 269 a.C.)**" em *Só Filosofia*. Virtuoso Tecnologia da Informação, 2008-2020. Consultado em 09/03/2020 às 11:45. Disponível na Internet em http://www.filosofia.com.br/historia_show.php?id=100

MARTINS, Ângela. A felicidade, Segundo Heidegger e Sartre: pessoas reclamam da sorte, pois acreditam que esta não lhes foi propícia. **O Popular**, 2015. Disponível em: < <https://www.opopular.com.br/noticias/ludovica/blogs/2.233387/filosofia-com-1.861139/a-felicidade-segundo-heidegger-e-sartre-1.861145> >. Acesso em 02 JAN 2020.

NOGUEIRA, Paulo. **A felicidade segundo Epicuro**. Diário do Centro do Mundo, 2013. Disponível em <<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/a-felicidade-segundo-epicuro/>>. Acesso em 14 março 2020.

SANTOS, Josefferson Magalhães. **A Concepção de Felicidade e Prazer Segundo Epicuro**. Curitiba, Paraná: FASBAM, 2018. Disponível em: <<https://fasbam.edu.br/2018/06/28/a-concepcao-de-felicidade-e-de-prazer-segundo-epicuro/>>. Acesso em 14 Março 2020

SALVADOR, ÂNGELO. **Você é feliz?**. Disponível em: <<https://www.pucminas.br/Pastoral/pensandobem/paginas/voc%C3%AA-%C3%A9-feliz.aspx>>. Acesso 02 JAN 2020

SEWAYBRICKER, Luciano Espósito, **A Felicidade na Sociedade Contemporânea: Contrastes entre Diferentes Perspectivas Filosóficas e a Modernidade Líquida**. 2012. 160f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, São Paulo, 2012.

SOUZA, Rafael. **EPICURO: CARTA SOBRE A FELICIDADE (LETTERA SULLA FELICITÀ)**. Medium, 2019. Disponível em: <<https://medium.com/@SantoDaemon/epicuro-carta-sobre-a-felicidade-lettera-sulla-felicit%C3%A0-c926dff1cb9>>. Acesso em: 11 jul 2021

WERLE, Marco Aurélio. **A angústia, o nada e a morte em Heidegger**. *Trans/Form/Ação* [online]. 2003, v. 26, n. 1 [Acessado 2 Janeiro 2020], pp. 97-113. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-31732003000100004>>. Epub 09 Nov. 2007. ISSN 1980-539X. <https://doi.org/10.1590/S0101-31732003000100004>.